

## AS MARIAS: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER CONTEMPORÂNEA NO CONTO DE CONCEIÇÃO EVARISTO E MARTA HELENA COCCO

**Sandra Maria Alves de Souza**  
(Sinop/MT – Mestranda)

**Adriana Lins Precioso**  
(UNESP – Doutora)

### INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

**Sandra Maria Alves de Souza** é mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Sinop/MT. Integrante do Grupo de Estudos Comparativos de Literatura. Licenciada em Letras com Língua Estrangeira Moderna (inglês) pelo Centro Universitário de Maringá (CESUMAR). Professora da educação básica na rede estadual de educação (SEDUC) de Mato Grosso. E-mail: [sandrinhamariasouza@hotmail.com](mailto:sandrinhamariasouza@hotmail.com).

**Adriana Lins Precioso** é doutora pela Unesp, campus de São José do Rio Preto-SP. Atua na Teoria da Literatura com ênfase na Literatura Comparada. Professora do Programa de Pós- Graduação em Letras - PPGLETRAS da UNEMAT- Campus de Sinop. Participante do Grupo de Pesquisa: Estudos Comparativos de Literatura: tendências identitárias, diálogos regionais e vias discursivas, cadastrado no CNPq. E-mail: [adrianaprecioso@unemat.br](mailto:adrianaprecioso@unemat.br).

RESUMO	ABSTRACT
<p>A produção literária escrita por mulheres por muito tempo sofreu resistência. Contudo, no século XXI, a mulher foi reconhecida como escritora conquistando, definitivamente, seu espaço na literatura. Com essa conquista, as escritoras Conceição Evaristo e Marta Cocco expõem a problemática que a mulher enfrenta no cotidiano urbano para sobreviver com foco voltado para violência e preconceito. Em suas produções contísticas, as personagens são mulheres, protagonistas das suas próprias histórias. Assim, na literatura contemporânea a mulher como escritora e como personagem passa a ter vez e voz revelando sua forma de pensar e ver o mundo e, sobretudo, aponta a problemática que a mulher, ainda, enfrenta na sociedade. Nesse sentido, este trabalho busca refletir sobre a representação da mulher contemporânea no conto “Maria” que compõe a obra <i>Olhos d’água</i> (2016) de Conceição Evaristo e do conto “Cinco Marias” da obra <i>Não presta pra nada</i> (2018) de Marta Cocco. O texto apresenta um breve contexto dos embates e as conquistas por um espaço de reconhecimento da escrita feminina na literatura. Busca, também mostrar que as Marias, protagonistas das narrativas, expõem sua condição social como mulher e negra representando, assim, a situação de muitas mulheres no país.</p>	<p>Literary production written by women for a long time was resisted. However, in the 21st century, women were recognized as writers, definitively conquering their space in literature. With this achievement, the writers Conceição Evaristo and Marta Cocco expose the problem women face in everyday urban life, focusing on violence and prejudice. In their short story productions, the characters are women, protagonists of their own stories. Thus, in contemporary literature, the woman as a writer and as a character starts to have a voice and a voice, revealing her way of thinking and seeing the world and, above all, she points out the problems that women still face in society. In this sense, this work seeks to reflect on the representation of contemporary women in the short story “Maria” that composes the work <i>Olhos d’água</i> (2016) by Conceição Evaristo and the short story “Cinco Marias” from the work <i>Não presta para nada</i> (2018) by Marta Cocco. The text presents a brief context of the struggles and achievements for a space for the recognition of female writing in literature. It also seeks to show that the Marias, protagonists of the narratives, expose their social condition as a woman and black, thus representing the situation of many women in the country.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Literatura feminina; Representação feminina; Conto contemporâneo; Conceição Evaristo e Marta Cocco.	Female literature; Female representation; Contemporary tale; Conceição Evaristo and Marta Cocco.

## INTRODUÇÃO

Durante o período colonial, a mulher foi marginalizada e levada a exclusão e a opressão, afirmado por um discurso autoritário que privilegia o homem, por meio de clichês e de atos preconcebidos que impõem limites às mulheres, conferindo-lhes um lugar inferior na sociedade. Nesse mesmo sentido, as produções literárias escritas por mulheres não tinham o mesmo valor daquela produzida por um homem. As mulheres eram vistas como amadoras da escrita, não tinham vez nem voz para denunciar ou expor o abuso que sofriam nesse período patriarcal.

Sobre o patriarcado, entendemos como a dominação masculina como forma de opressão e dominação feminina nas relações entre homem e mulher. As mulheres eram vistas apenas objetos de desejos sexual para os homens, reprodutoras de filhos e produto de mão de obra.

Com a contemporaneidade, o pós-colonialismo e a crítica feminista, a mulher deixou de ser objeto de pesquisa e passou a ser reconhecida como sujeito que constrói seu próprio discurso, a partir de suas experiências vividas pela opressão bem como os preconceitos que submeteram e subjugararam as mulheres durante séculos, pois de acordo com Bonnici “O objetivo dos discursos pós-coloniais e do feminismo é a integração da mulher marginalizada à sociedade” (BONNICI, 2005, p. 231).

Nesse contexto de reconhecimento da escrita feminina na literatura, Zolin (2005, p. 185) afirma que “muitas mulheres tornaram-se escritoras, profissão, até então, eminentemente masculina”. Depois de muita luta, movimentos femininos foi que a escrita feminina ganhou espaço. Com isso, as produções literárias escritas por mulheres aos poucos foram surgindo como uma manifestação feminina expondo sua visão de mundo e suas experiências. Nesse sentido, “[...] A literatura feita por mulheres envolve uma dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escritura” (SCHMIDT, 1995, p.187).

Dessa forma, queremos destacar as produções contísticas das escritoras Conceição Evaristo e Marta Cocco que têm contribuído com suas escritas para destacarem a problemática que as mulheres enfrentam no mundo contemporâneo.

Assim, este trabalho procura refletir sobre o papel da escrita feminina e a representação da mulher contemporânea no conto “Maria” que compõe a obra *Olhos d'água* de Conceição Evaristo (2016) e “Cinco Marias” do livro *Não presta pra nada* (2018) de Marta Cocco. Essas narrativas são construídas com elementos do cotidiano que envolvem o universo feminino, denunciando as injustiças sociais e revelam a problemática que envolve as personagens e, contudo, dá voz a quem não tem, as mulheres.

Conceição Evaristo e Marta Cocco, em seus contos constroem histórias com olhar

feminino, sobre questões que perduram na sociedade que, ainda, se apresenta com atitude preconceituosa com as mulheres, principalmente, negras, como no conto de Evaristo. Suas produções possuem temáticas que envolvem o universo feminino na qual as mulheres são protagonistas das suas próprias histórias.

A narrativa de Conceição Evaristo e Marta Cocco promovem reflexões acerca dos aspectos culturais e sociais que estão enraizados na nossa cultura. As personagens descritas nas narrativas representam muitas “Marias” que lutam diariamente para manterem suas famílias e sobreviverem. As “Marias” enfrentam seus dilemas sociais e existenciais e as escritoras, por meio da escrita contística, apresentam a vulnerabilidade e a pluralidade de muitas mulheres expondo a condição humana sem nenhuma idealização e romantismo. São mulheres esposas, mães, avós, professoras e escritoras que compõem o mundo ficcional feminino criado pelas autoras em destaque.

## 1 AOS ARREDORES DAS CONTISTAS: CONCEIÇÃO EVARISTO E MARTA COCCO

O conto é um gênero textual que figura entre as principais produções contemporâneas. O mundo contemporâneo exige que a literatura acompanhe sua agilidade e talvez esse seja um dos fatores que fazem com que vários autores optem hoje pelo conto em detrimento de outra tipologia textual. Há em textos curtos, uma maior facilidade em explorar as situações cotidianas e as semelhanças, por exemplo, entre a literatura e a notícia, abordando situações por vezes anedóticas e mais próximas do universo do leitor. Deve-se ainda, atentar para o fato de que o no conto contemporâneo os elementos do cotidiano urbano são temas recorrentes em diversos textos. Nesse sentido, a fragmentação dos elementos da narrativa ajuda a enfatizar problemas psicológicos, religiosos, filosóficos e morais, exacerbados pela vida nos grandes centros.

De um lado temos uma escritora de renome, Conceição Evaristo que com sua produção literária já é bastante conhecida pelo público acadêmico com inúmeras pesquisas científicas, dissertações e teses. Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma mulher de origem humilde, mas que com o passar do tempo ingressou nos estudos e investiu na carreira de escritora. Atualmente, é reconhecida como uma escritora de escrita feminina com histórias ficcionais que misturam realidade e ficção conduzidas por personagens negras.

Escritora de “escrevivências” termo nomeado pela própria escritora é uma combinação de invenção e fato. Histórias criadas a partir de uma realidade, mas que aponta para uma coletividade de mulheres da comunidade afro-brasileira. Evaristo

nasceu em Belo Horizonte, no dia 29 de novembro de 1946. Contudo, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970 onde iniciou a carreira de professora. Fez graduação em Letras pela UFRJ, mestrado em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro e doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. Ela é professora e escritora de romance, poesia, ensaio e contos que abordam a problemática da mulher, principalmente, negra.

A produção feminina de Evaristo envolve personagens excluídas e marginalizadas da sociedade. Conceição Evaristo foi leitora assídua da produção da Carolina de Jesus na década de 60, pois se sentia representada como personagem nos relatos da escritora. Evaristo compartilha da angústia dessa escritora, já que ela e sua família passaram por situação semelhante na favela em Minas Gerais no período da sua infância e juventude. Sobre a produção de Carolina de Jesus, Conceição aponta que sua escrita rompeu com os paradigmas de escrita literária:

O que se torna interessante para discutir sobre a escrita de Carolina Maria é o desejo de escrever vivido por uma mulher negra e favelada. O desejo, a crença e a luta pelo direito de ser reconhecida como escritora, enquanto tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável. Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento. Uma favelada, que não maneja a língua portuguesa – como querem os gramáticos ou os aguerridos defensores de uma linguagem erudita – e que insiste em escrever, no lixo, restos de cadernos, folhas soltas, o lixo em que vivia, assume uma atitude que já é um atrevimento contra a instituição literária. Carolina Maria de Jesus e sua escrita surgem “maculando” – sob o olhar de muitos – uma instituição marcada, preponderantemente, pela presença masculina e branca. (EVARISTO, 2019, p. 28).

Evaristo é participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país. Estreou na literatura em 1990 quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Lançou em 2011 o volume de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres e*, em 2013, a obra *Becos da memória* que ganha nova edição. Em 2014, a escritora publica *Olhos D'água*, livro finalista do Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas” e, em 2016, lança mais um volume de ficção: *Histórias de leves enganos e parecenças*. Com o reconhecimento da escritora e a efervescência da sua produção literária no Brasil, suas obras ganharam várias outras edições e, em 2018, a escritora recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra.

Sua escrita é contemporânea, pois expõe em seus textos o retrato do cotidiano das mulheres negras da periferia que lutam para sobreviver como a personagem Maria, que leva o nome do conto que compõe a obra *Olhos d'água*, com sua primeira publicação em 2014. Com uma linguagem simples e fluída, a escrita de Conceição vem ganhando cada

vez mais espaço na crítica literária, conquistando leitores e admiradores desse gênero. Com isso, sua produção tem rompido as fronteiras do país com publicação, também, na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Uma característica marcante em sua criação literária, que está presente no conto e sua forma de tecer a trama e intriga, é que comove o leitor pela sensibilidade na leveza do tema, mas com profundo impacto na maneira de expor a violência da mulher num contexto urbano.

O preconceito com o negro sobre no Brasil tem suas raízes baseado num processo histórico em que o europeu defendia a inferioridade da raça em relação ao homem branco. Com isso, os negros são vistos como sujeitos desfavorecidos, sendo marginalizados pela sociedade. Com a aceleração do capitalismo, muitas mulheres negras foram obrigadas a enfrentarem o mercado de trabalho para garantirem o sustento do lar. Para muitas dessas mulheres negras, sem estudo e sem formação profissional, restaram aqueles empregos que a sociedade não valoriza como faxineira, zeladora, entre outras. Assim, a exploração, a opressão, a violência contra a mulher negra passaram a ser visível na sociedade. Nesse sentido, a escritora negra, Conceição Evaristo, busca por meio da literatura problematizar a situação que as mulheres negras enfrentam em seu cotidiano.

*Olhos d'água* (2016) de Conceição Evaristo é um instrumento de denúncia e opressão racial formada por uma série de quinze contos, com diferentes narrativas que figuram a condição social de pessoas negras na qual insere na trama homens e, principalmente, mulheres expondo as diferentes formas de violência e depreciação sofridas por esses indivíduos na sociedade. Para esta análise, selecionamos o quarto conto da obra, "Maria". Essa narrativa apresenta a situação degradante de uma mulher condenada pela sociedade, apenas por ser negra e pobre.

Do outro lado, temos uma escritora que produz literatura em Mato Grosso que está fora do cânone, sendo desconhecida, ainda, pelas academias dos grandes centros de pesquisas do país, mas, que aos poucos, vem ganhando espaço nos centros de pesquisa e extensão nas Universidades do estado e fora dele.

Marta Helena Cocco é natural de Pinhal Grande- RS, mas reside no Mato Grosso desde 1991. Graduada em Letras em 1987, em 2006 conclui seu mestrado pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e 2013 defendeu a tese de doutorado pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Marta Cocco é professora universitária, escritora de poesias e contos com vários livros já publicados direcionados ao público adulto e infantil. Cocco tem publicados cinco livros de poemas: *Divisas* (1991), *Partido* (1997), *Meios* (2001), *Sete Dias* (2007) e *Sábado ou Cantos para um dia só* (2011), três de literatura infantil: *Lé e o elefante de lata* (2013), *Doce de formiga* (2014) *Sabichões* (2016) e *Meu corpo é uma fabricazinha?* (2020) e um de contos: *Não presta pra nada* (2016). Além das publicações de obras literárias, Marta Cocco Também publicou vários artigos em revistas científicas sobre

obras de autores da Literatura produzida em Mato Grosso.

Marta Cocco ocupa, desde 2014, a cadeira de número 18 na Academia Matogrossense de Letras. Algumas de suas obras já foram premiadas. Em 2000, ela recebeu o Prêmio Mato Grosso Ação Cultural, pelo livro de poesia *Meios* e o Prêmio Mato Grosso de Literatura, oferecido pela Secretaria de Cultura do Estado de Mato Grosso, em 2015, *Não presta pra nada* na categoria contos e, em 2018, a obra infantil, *Sabichões* foi aprovado pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) para ser distribuído em todas as escolas do país.

O livro de contos, *Não presta para nada* (2018) de Marta Cocco, é composto por doze narrativas curtas que traz personagens femininas simples que envolve situações comuns do cotidiano que apresenta o sofrimento da mulher num contexto familiar e urbano causados pela condição que estão expostas, assim, a escritora expõe sua visão sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea. Diferente da personagem do conto “Maria” de Conceição Evaristo que é negra e da periferia, no conto “Cinco Marias” de Marta Cocco, as personagens não são negras, mas essas Marias descritas nos contos de Evaristo e Cocco possuem algo em comum: elas partilham situações do cotidiano que envolvem as mulheres revelando suas dores, suas frustrações, a violência, suas lutas e esperanças que sofrem pela condição de seu gênero.

## 2 “MARIA”: CONTO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Na introdução do livro *Olhos d’água* (2016), Jurema Werneck expõe que “Conceição Evaristo inventa este mundo que existe” e, que por meio das personagens femininas ela escreve narrativas que “são histórias duras de derrota, de morte, machucados. São histórias que insistem em dizer o que tantos não querem dizer. O mundo que é dito existe. Suas regras, explícitas” (Evaristo, 2016, p. 9). Nesse sentido, Conceição Evaristo afirma que “quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta”. (EVARISTO, 2009, p. 18).

No conto “Maria” o narrador em terceira pessoa conta o drama de uma mulher no seu triste cotidiano que termina com um final trágico. Maria é a personagem principal dessa narrativa, ela é responsável pelas despesas da casa e pela educação dos filhos. Separada do marido e sozinha, precisa trabalhar para sustentar a família. Maria aguarda algum tempo no ponto de ônibus, ao voltar para casa, depois de um exaustivo dia de trabalho doméstico e uma sacola cheia de restos de comida que ganhara da patroa, ela vê

seu ex-marido, pai de seu filho mais velho, dentro do transporte público. Nesse momento, Maria começa a questionar o porquê de tudo teria que ser assim, por que eles não poderiam ser felizes. Ele se aproxima, senta perto dela e os dois começam a conversar. Ele quis saber do filho “E o menino, Maria? Como vai o menino?” Queria saber se estava sozinha, se tinha mais filhos e ela assustada com medo da situação que estava presenciando.

O ex-marido com uma arma na mão e enquanto conversavam, o seu comparsa foi recolhendo todos os pertences das pessoas que estavam no ônibus, mas dela não levaram nada. Não tinha muito o que levar também, além da sacola com restos de comida, ela só tinha uma gorjeta que havia ganhado da patroa. Maria, pela primeira vez presenciou uma cena de roubo que envolvia o pai de seu filho que já tinha onze anos. A mulher passou a temer pela sua vida e a imaginou o desespero das pessoas dentro do ônibus sendo roubadas por dois assaltantes. Quando os ladrões descerram do ônibus, os passageiros começaram a acusá-la dizendo que ela conhecia os assaltantes e iniciou uma série de insultos contra Maria.

Nada adiantou as justificativas de Maria de que não tinha nada a ver com aqueles homens. Ela não podia dizer que um deles era o pai de seu filho, o homem que ela tanto amava. Ao ver que os passageiros se aglomeravam em sua volta, ela ficou com medo e raiva ao mesmo tempo, era uma mulher digna e trabalhadora, não devia satisfação a ninguém: “*Olha só, a negra ainda é atrevida*, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!...*” (EVARISTO, 2016, p. 25). Em seguida, todos os passageiros foram para cima de Maria e a espancaram até a morte. O motorista, ao verificar a situação, parou o ônibus, mas nada pode fazer a não ser a dizer que aquela mulher pegava o ônibus todos os dias quando vinha do trabalho, que lutava diariamente para sustentar os filhos. As frutas rolaram da sacola e esparramaram pelo chão do veículo, enquanto isso, Maria pensava se os meninos iriam gostar do melão.

A narradora nos emociona quanto relata a cena de Maria caída no chão, pensando no seu ex-marido, nos filhos e no porquê estavam fazendo aquilo com ela e, conclui que, Maria só precisava chegar em casa para transmitir o recado do abraço, do beijo e do carinho do pai para seu filho, nada mais. Todo esse acontecimento não durou muito tempo e “quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado” (EVARISTO, 2016, p. 25).

Para Pereira e Lisbôa (2019), o corpo dilacerado e pisoteado da personagem nada mais é do que uma metáfora da condição da mulher negra e pobre da periferia que resiste num contexto adverso.

A narrativa apresenta os diversos tipos de violência que Maria enfrentava no dia a dia, violência moral, social, cultural e de raça. Maria era doméstica e vivia com o pouco

dinheiro que ganhava de gorjeta, não tinha um salário e os restos de comida que sobrava da mesa da patroa, ajudava na alimentação dela e dos filhos. Essa situação mostra a decadência de uma mulher negra, mãe de três filhos e pobre da periferia. Ela enfrentava o preconceito e discriminação por ser negra, por ser mãe solteira, por morar num barraco, no subúrbio da cidade. A narrativa curta que Evaristo expõe o drama vivido por Maria é o mesmo drama vivenciado por muitas outras mulheres negras que passam por situação semelhante ou ainda pior do que essa retratada no conto.

Evaristo expõe a problemática que a sociedade afro-brasileira enfrenta diariamente na sociedade como objeto de denúncia dando voz aquelas que sempre foram vistas como memorizadas, desprezadas, humilhadas somente pela cor da pele.

Perreira e Lisbôa, ao construírem uma visão caleidoscópica das personagens femininas de Evaristo, colocam em seu artigo que Maria é “A representação de uma mulher que denuncia com seu corpo as mortes anunciadas pelo sistema é a grande marca desse conto. Por isso, essa representação é, ao mesmo tempo, universal e particular” (PERREIRA, LISBÔA, 2019, p. 168). Maria é a representação de muitas mulheres que trabalham de doméstica, percorrem longas distâncias para ganhar o pão de cada dia, levam restos de comida para casa para alimentar os filhos, ganham um salário que mal paga suas despesas básicas e lutam diariamente contra o sistema social capitalista e preconceituoso.

Maria, uma mulher que não bastava os dissabores da vida, sua obrigação como mãe, sustentadora do lar, sua humilde casa, seu trabalho desvalorizado, ainda restava o julgamento maldoso da sociedade de ela era uma ladra e estava de comparsa com os assaltantes. O conto de Evaristo causa repulsa e indignação pela atitude das pessoas em relação a personagem Maria. A narrativa nos faz refletir o quão dura e difícil é o cotidiano da protagonista que espelha a realidade de muitas outras “Marias” espalhadas pelo país.

### 3 “CINCO MARIAS” NO CONTO DE MARTA HELENA DE COCCO

Em um outro contexto, no conto, “Cinco Marias” do livro *Não presta pra nada* (2018) de Marta Helena Cocco, temos personagens e realidades diferentes do conto “Maria” (2016) de Conceição Evaristo. “Cinco Marias” é uma narrativa curta, o primeiro conto da obra que abre o livro com um relato e a descoberta da problemática que essas mulheres enfrentam no cotidiano que vivem e sobrevivem as sutilezas do mundo cruel e injusto. Com uma escrita simples e uma linguagem fluída, a escritora vai tecendo o drama que as Marias vivem, mesmo que inconsciente e como ela reproduzem um discurso e uma prática implantada pelo colonizador.

O conto é narrado em primeira pessoa, pela quinta Maria por ordem de filiação, a irmã mais nova de todas. Maria, a narradora observa e escreve sobre a situação das outras quatro irmãs que também têm o mesmo nome que o seu. A narradora expõe os conflitos que cada uma enfrenta no cotidiano, começando pela mais velha.

De acordo com a narradora do texto, a irmã mais velha sofre de uma doença muito agressiva, o que a deixou careca e, com isso, passou a usar uma peruca para disfarçar. Apesar da doença, a irmã mais velha faz questão de repetir que está ótima e que nunca entrega os pontos. Maria, a narradora, ao presenciar a situação da irmã sente vontade de chorar e, para não fazer isso na frente dela, vai até o banheiro, se olha no espelho e diz pra si mesma: “não inventa de chorar na frente dela!” (COCCO, 2018, p 13). Ao sair do banheiro, ela se depara com a irmã toda feliz porque vai ser avó de gêmeas.

A segunda irmã, Maria, já tem netos e, diferente da irmã mais velha, não é uma mulher doente. Ela, para não esquecer, anota na agenda o nome e horário dos remédios e os encontros marcados com os médicos, pois tem muito medo de morrer. Ela se queixa de como seria a vida dela sem o marido. O problema é que seu esposo está com a doença do mal do Parkinson e isso a desestabiliza, pois vê seu apoio em risco. A irmã fica tão preocupada em perder o esposo que acaba afetando seu psicológico também e, Maria, a narradora procura acalmá-la, muda de assunto e fala para ela parar de pensar besteira.

A terceira irmã, a outra Maria também já é avó. Com a profissão de professora, foi ela quem ensinou a narradora do texto a escrever cartas. Professora de Geografia gostava de falar de mapas, de planetas e de lugares distantes. Sabia de muita coisa, só não sabia de onde vinham as lágrimas. Ela é quase dona de um ditado: “quem muito se abaixa mostra a bunda. Um filho nunca deve fazer sua mãe chorar” (COCCO, 2018, p. 14). A terceira irmã Maria relembra um fato do passado e questiona se valeu a pena tanto esforço de mudar com os filhos pequenos para cidade a fim de ter fazenda e progredir, pois acredita que não teve êxito. Em seu relato, a narradora diz que a irmã tinha um corte na barriga, precisava cuidar da neta. Com isso, fica evidente a questão da saúde que não é prioridade quando os netos estão nascendo e crescendo precisando de ajuda da família.

A quarta irmã Maria teve paralisia infantil e ficou um bom tempo sem caminhar. Sua mãe, devota de Nossa Senhora da Graças, encostou as pernas dela na imagem da santa e, assim, ela recuperou os movimentos, mas ficou quase surda. Por causa do aparelho no ouvido, tinha dificuldade de falar, mas possuía um talento artístico incrível com as mãos e as linhas, tinha olhos de dar inveja. A narradora relata que ela era muito boazinha com ela, a protegia das surras da mãe. Entretanto, por causa do cigarro, adquiriu uma doença crônica no estômago.

Depois dessas quatro irmãs Marias, seria a narradora a próxima da fila, se não fosse uma irmã que seu pai teve fora do casamento e que elas não conheciam. Essa irmã

desconhecida foi visitá-las para que soubessem de sua existência. Acabou conhecendo todas elas, as cinco Marias, menos seu pai que já havia falecido por causa do pulmão. Maria, a narradora conta que sua mãe ficou feliz pela visita e que compreendia a dor dela. A narradora da história não pode almoçar junto com elas, pois tinha muita redação para corrigir e no outro dia teria que devolvê-las para os alunos na escola. Seis meses depois receberam a notícia de que a irmã bastarda havia morrido de câncer da mama e que ela tinha ido visitar as Marias apenas para se despedir.

A Maria, a mais nova, a narradora, cresceu ouvindo dizer que não prestava para nada, só prestava para estudar. Fez nível superior, se tornou professora e depois, mãe. Quando sobra tempo ou, à noite, quando ela perde o sono, passa a escrever histórias, inclusive a história das irmãs. No título do conto, a narradora se exclui das cinco Marias, suas irmãs, ela apresenta as cinco Marias por ordem de filiação e se apresenta como narradora do texto: “Hoje rendeu, falei das cinco”.

A narrativa de Marta Cocco tematiza a alteridade da vida que entrelaça na biografia das personagens de forma que a história de cada Maria fica reduzida a um parágrafo. A narradora ao se referir as irmãs como Maria, conferem a elas um tratamento todo especial, já que Maria é um nome da mãe de Jesus, um nome muito respeitado na religião judaica cristã.

Na epígrafe da obra *Não presta pra nada* (2018), a escritora já adverte o leitor com uma citação de Paulo Leminsk “Repara bem naquilo que não digo” e com um poema de Lucinda Persona para iniciar o conto “Que outra melhor do que esta/ para abrir a boca/ e com minha língua/ contar coisas gerais e particulares/ ser que eu sou” (PERSONA, apud COCCO, 2018, p. 13). Nesse sentido, Soraia Streg defende em sua dissertação que “Marta soube coser de forma delicada, mas forte, a histórias dessas mulheres, criando esse manto de palavras em que o não- dito se torna tão gritante que é impossível não ouvir o silêncio dessas personagens” (STREG, 2019, p. 13).

As Marias apresentadas no texto ainda têm o mesmo discurso implantado pelos colonialistas europeus de que a mulher é incapaz de realizar aquilo que o homem faz, não sendo a função da mulher escrever, estudar, sendo essa apenas dedicada aos homens. Mulheres que ainda tem um olhar de que a mulher deve ser apenas responsável pelos fazeres domésticos, pela educação dos filhos e satisfazer as vontades dos maridos. Com isso, observamos que o patriarcalismo ainda impera em muitos lares brasileiros. Mesmo com o avanço da mulher na sociedade, na luta e enfrentamento de reconhecimento social, ainda há um discurso patriarcal defendido pelas próprias mulheres de que são submissas e inferiores aos homens.

A narradora, a Maria, a filha mais nova, apesar de ser vista como alguém insignificante que, ao invés de casar-se, ter filhos, netos, procurar um marido para se

sentir protegida como fizeram suas irmãs mais velhas, foi ela que serviu de apoio emocional e psicológico com palavras de consolo quando suas irmãs ficaram doentes e aborrecidas com os problemas do cotidiano familiar.

A obra *Não presta pra nada* (2018) de Marta Cocco não possui um conto com esse título. A Maria que se assume como a narradora no final do conto “Cinco Marias” é que, por gostar muito de estudar e escrever, ficou taxada pela própria família de que “não presta pra nada”, nome que dá título à obra. Para a família de Maria estudar e escrever não era ofício para uma mulher, com isso seus esforços eram vistos como inúteis. O conto de Marta Cocco levanta uma pergunta acerca do papel da mulher na contemporaneidade: o que a mulher precisa fazer para prestar para alguma coisa?

Embora todos pensassem que Maria, a escritora, não prestava para nada, mas ela prestava sim, inclusive para escrever a triste realidade cotidiana que figura as mulheres, suas irmãs em sua real condição de vida que é a sua própria adversidade. Personagens que têm seus percursos talhados por uma sutil e sensível imaginação, conforme aponta a professora Ivana Melo na contracapa do livro. O contista e professor, Paulo Sesar Pimentel, pontua no prefácio da obra que: “Linha a Linha, Não presta pra nada é uma prova irrefutável da potência da palavra, do horizonte aberto pela narrativa, da ferida que é a transgressão da literatura. A obra presta pra tudo e isto não pede definições” (PIMENTEL, apud COCCO, 2018, p. 9).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Karl Erik Schollhammer (2009) discorre sobre as características que aproximam os autores contemporâneos, como o foco voltado para a sociedade, para o regionalismo, para o intimismo existencial e psicológico, pelo experimentalismo linguístico e pela metaliteratura. O que aproxima as escritoras Conceição Evaristo e Marta Cocco são o foco das narrativas voltadas para as questões femininas na qual as mulheres são as personagens de suas próprias histórias. As autoras, por meio das personagens, dão voz as mulheres que relatam suas rotinas, expõe seus medos, seus anseios e sua forma de olhar o mundo e como o mundo olha para elas.

Embora, a personagem Maria do conto de Conceição Evaristo, o narrador nos apresenta uma história de vida miserável de uma mulher negra culminando na morte da personagem por ser negra, isso não diminui a história das Marias no conto de Marta Cocco que revela o quanto as mulheres, ainda, praticam essa ideologia implantada pelo colonialismo e pelos valores do patriarcado de que a mulher nasceu para ser subalterna.

A produção contística contemporânea de Evaristo e Cocco vai muito além da



ficção, levanta questões e expõe a problemática não só das personagens das narrativas, mas da real situação enfrentadas pelas mulheres na sociedade atual que sofrem todos os tipos de violência.

Concluimos que a literatura contribui não só como debate, mas também serve como instrumento de denúncia social contra as mulheres negras e uma política no combate a opressão feminina. Com isso, expomos a necessidade urgente de pensar no quanto a literatura produzida por mulheres precisa avançar, das vozes silenciadas que precisam gritar e das lutas que precisam ser travadas para que de fato a mulher conquiste o seu espaço na sociedade, independentemente da cor, da raça, etnia, da classe ou posição social.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 5. ed. São Paulo. Editora Nacional, 1976.

COCCO, M. H. **Não presta pra nada**. 2ª ed. 3ª reimpressão. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2018.

EVARISTO, C. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em: 22 de março, 2021.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. 1ª. ed. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

PEREIRA, H. G.; LISBÔA, N. de S. Análise decolonial das personagens femininas da obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. **ANTARES: Letras e Humanidades**, Caxias do Sul, v. 11, n. 22, jan./abr. 2019 p. 159-177. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/7101/3808>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SCHMIDT, R. T. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, M. H. (Org). **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 1995. p. 182-189.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

STREG, S. **Voz que fala e voz que fala no conto Chuva Benta e Palavra Difícil de Marta Helena Cocco**. 2019. Dissertação de Mestrado (Curso de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Educação e Linguagem), Campus de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop. 2019.

ZOLIN, L. O. Crítica Feminista. In: BONNICI, T. ZOLIN, L. O. (Org.). **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 4. ed. Maringá: Eduem, 2019. p. 211-237.

ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, T. ZOLIN, L. (Org.). **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 4. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 319-330.



Título em inglês:

**AS MARIAS: THE REPRESENTATION OF CONTEMPORARY  
WOMEN IN THE TALE WRITTEN BY CONCEIÇÃO EVARISTO  
AND MARTA HELENA COCCO**